

Tayronne de Almeida Rodrigues
João Leandro Neto
Dennyura Oliveira Galvão
(Organizadores)



**MEIO AMBIENTE,
SUSTENTABILIDADE
E AGROECOLOGIA 5**

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Tayronne de Almeida Rodrigues
João Leandro Neto
Dennyura Oliveira Galvão
(Organizadores)

Meio Ambiente, Sustentabilidade e Agroecologia 5

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

M514 Meio ambiente, sustentabilidade e agroecologia 5 [recurso eletrônico]
/ Organizadores Tayronne de Almeida Rodrigues, João Leandro Neto, Dennyura Oliveira Galvão. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Meio Ambiente, Sustentabilidade e Agroecologia; v. 5)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-331-6

DOI 10.22533/at.ed.316191604

1. Agroecologia – Pesquisa – Brasil. 2. Meio ambiente – Pesquisa – Brasil. 3. Sustentabilidade. I. Rodrigues, Tayronne de Almeida. II. Leandro Neto, João. III. Galvão, Dennyura Oliveira. IV. Série.

CDD 630

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

APRESENTAÇÃO

A obra Meio Ambiente, Sustentabilidade e Agroecologia vem tratar de um conjunto de atitudes, de ideias que são viáveis para a sociedade, em busca da preservação dos recursos naturais.

Em sua origem a espécie humana era nômade, e vivia integrada a natureza, sobreviviam da caça e da colheita. Ao perceber o esgotamento de recursos na região onde habitavam, migravam para outra área, permitindo que houvesse uma reposição natural do que foi destruído. Com a chegada da agricultura o ser humano desenvolveu métodos de irrigação, além da domesticação de animais e também descobriu que a natureza oferecia elementos extraídos e trabalhados que podiam ser transformados em diversos utensílios. As pequenas tribos cresceram, formando cidades, reinos e até mesmo impérios e a intervenção do homem embora pareça benéfica, passou a alterar cada vez mais negativamente o meio ambiente.

No século com XIX as máquinas a vapor movidas a carvão mineral, a Revolução Industrial mudaria para sempre a sociedade humana. A produção em grande volume dos itens de consumo começou a gerar demandas e com isso a extração de recursos naturais foi intensificada. Até a agricultura que antes era destinada a subsistência passou a ter larga escala, com cultivos para a venda em diversos mercados do mundo. Atualmente esse modelo de consumo, produção, extração desenfreada ameaça não apenas a natureza, mas sua própria existência. Percebe-se o esgotamento de recursos essenciais para as diversas atividades humanas e a extinção de animais que antes eram abundantes no planeta. Por estes motivos é necessário que o ser humano adote uma postura mais sustentável.

A ONU desenvolveu o conceito de sustentabilidade como desenvolvimento que responde as necessidades do presente sem comprometer as possibilidades das gerações futuras de satisfazer seus próprios anseios. A sustentabilidade possui quatro vertentes principais: ambiental, econômica, social e cultural, que trata do uso consciente dos recursos naturais, bem como planejamento para sua reposição, bem como no reaproveitamento de matérias primas, no desenvolvimento de métodos mais baratos, na integração de todos os indivíduos na sociedade, proporcionando as condições necessárias para que exerçam sua cidadania e a integração do desenvolvimento tecnológico social, perpetuando dessa maneira as heranças culturais de cada povo. Para que isso ocorra as entidades e governos precisam estar juntos, seja utilizando transportes alternativos, reciclando, incentivando a permacultura, o consumo de alimentos orgânicos ou fomentando o uso de energias renováveis.

No âmbito da Agroecologia apresentam-se conceitos e metodologias para estudar os agroecossistemas, cujo objetivo é permitir a implantação e o desenvolvimento de estilos de agricultura com maior sustentabilidade, como bem tratam os autores desta obra. A agroecologia está preocupada com o equilíbrio da natureza e a produção de alimentos sustentáveis, como também é um organismo vivo com sistemas integrados

entre si: solo, árvores, plantas cultivadas e animais.

Ao publicar esta obra a Atena Editora, mostra seu ato de responsabilidade com o planeta quando incentiva estudos nessa área, com a finalidade das sociedades sustentáveis adotarem a preocupação com o futuro.

Tenham uma excelente leitura!

Tayronne de Almeida Rodrigues

João Leandro Neto

Dennyura Oliveira Galvão

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AGRICULTURA AGRÍCOLA AGRÍCOLA: BASE DA SOBERANIA ALIMENTAR E ENERGÉTICA	
Daniel Campos Ruiz Diaz	
DOI 10.22533/at.ed.3161916041	
CAPÍTULO 2	8
A HERANÇA PRESERVACIONISTA PRESENTE NAS LEGISLAÇÕES AMBIENTAIS E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA COMUNIDADES TRADICIONAIS EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DE PROTEÇÃO INTEGRAL	
Tarlile Barbosa Lima	
Alexandre José Firme Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.3161916042	
CAPÍTULO 3	15
A AGRICULTURA FAMILIAR COMO AGENTE DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL POR MEIO DO CULTIVO E COMERCIALIZAÇÃO DE HORTALIÇAS NÃO CONVENCIONAIS EM MINAS GERAIS	
Michael Furtini Abras	
Leandro Pena Catão	
DOI 10.22533/at.ed.3161916043	
CAPÍTULO 4	27
A CADEIA PRODUTIVA DE CANA-DE-AÇÚCAR E SEUS DERIVADOS NO ESTADO DE SÃO PAULO: UMA ABORDAGEM POR MEIO DE VETOR AUTORREGRESSIVO – VAR	
Marco Túlio Dinali Viglioni	
Mírian Rosa	
Uellington Correa	
Francisval De Melo Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.3161916044	
CAPÍTULO 5	48
A CONSTITUIÇÃO E ATUAÇÃO DA REDE TERRITORIAL DE AGROECOLOGIA DO SERTÃO DO SÃO FRANCISCO BAIANO E PERNAMBUCANO	
Helder Ribeiro Freitas	
Cristiane Moraes Marinho	
Paola Cortez Bianchini	
Moisés Felix de Carvalho Neto	
Denes Dantas Vieira	
Elson de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.3161916045	

CAPÍTULO 6	58
ASPECTOS CONTRADITÓRIOS E INCONSISTENTES DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL MUNICIPAL – DISCUSSÕES E EXPERIÊNCIAS	
Gabriel de Pinna Mendez	
Ricardo Abranches Felix Cardoso Junior	
Kathy Byron Alves dos Santos	
Viktor Labuto Ramos	
Maria Cristina José Soares	
Sinai de Fátima Gonçalves da Silva	
Teresinha Costa Effren	
DOI 10.22533/at.ed.3161916046	
CAPÍTULO 7	72
ARMAZENAMENTO DE SEMENTES E EXTRAÇÃO ARTESANAL DO ÓLEO DE ANDIROBA	
Ana Paula Ribeiro Medeiros	
Osmar Alves Lameira	
Raphael Lobato Prado Neves	
Fábio Miranda Leão	
Mariana Gomes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.3161916047	
CAPÍTULO 8	78
AROMA E COR COMO PARÂMETROS SENSORIAIS DO MEL DE <i>Apis mellifera</i> DO OESTE DO PARANÁ	
Seliane Roberta Chiamolera	
Edirlene Andréa Arnhold	
Sandra Mara Ströher	
Lucas Luan Tonelli	
Luiz Eduardo Avelar Pucci	
Regina Conceição Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.3161916048	
CAPÍTULO 9	85
BIODIVERSIDAD Y ETNOPAISAJE EN UNA COMUNIDAD INDÍGENA QOM DE LA PROVINCIA DE FORMOSA, NE ARGENTINA	
Libertad Mascarini	
Eduardo Musacchio	
Gabriela Benito	
Gustavo Díaz	
Andrea Seoane	
DOI 10.22533/at.ed.3161916049	
CAPÍTULO 10	96
AVALIAÇÃO DO EFEITO ALELOPÁTICO DE EXTRATO AQUOSO DE TIRIRICA SOBRE A GERMINAÇÃO DE SEMENTES DE CENOURA	
Arlete da Silva Bandeira	
Maria Caroline Aguiar Amaral	
John Silva Porto	
Joseani Santos Ávila	
Edenilson Batista Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.31619160410	

CAPÍTULO 11 102

BEEES IN THE POLLINATION OF COFFEE, COFFEA ARABICA VARIETY CASTILLO;
IN PASUNCHA – CUNDINAMARCA - COLOMBIA

Daniel Augusto Acosta Leal
Cristian Andrés Rodríguez Ferro
Camilo José González Martínez
William Javier Cuervo Bejarano
Giovanni Andrés Vargas Bautista

DOI 10.22533/at.ed.31619160411

CAPÍTULO 12 110

AVALIAÇÃO DO MERCADO CONSUMIDOR DE PRODUTOS DA MELIPONICULTURA
NO MUNICÍPIO DE TEFÉ

Rosinele da Silva Cavalcante
Paula de Carvalho Machado Araujo
Jacson Rodrigues da Silva

DOI 10.22533/at.ed.31619160412

CAPÍTULO 13 122

CARACTERIZAÇÃO DA COR DO MEL DE *Apis mellifera* COMO PARÂMETRO
DISTINTIVO DA PRODUÇÃO OESTE PARANAENSE

Bruna Larissa Mette Cerny
Douglas Galhardo
Renato de Jesus Ribeiro
Edirlene Andréa Arnhold
Paulo Henrique Amaral Araújo de Souza
Regina Conceição Garcia

DOI 10.22533/at.ed.31619160413

CAPÍTULO 14 130

COMPOSIÇÃO DE NINHOS DE FORMIGA QUENQUEN-DE-ÁRVORE EM
FRAGMENTOS DE BOSQUES

Jael Simões Santos Rando
Simone dos Santos Matsuyama
Larissa Máira Fernandes Pujoni

DOI 10.22533/at.ed.31619160414

CAPÍTULO 15 136

USO E MANEJO DO BACURI (*Platonia insignis* MART.) POR COMUNIDADES
EXTRATIVISTAS NO CERRADO MARANHENSE

Vivian do Carmo Loch
Danielle Celentano
Ariadne Enes Rocha
Francisca Helena Muniz

DOI 10.22533/at.ed.31619160415

CAPÍTULO 16 151

VIVÊNCIA E PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM
ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL EM MUNICÍPIOS DO RECÔNCAVO
BAIANO

Elizete Santana Cavalcanti
Ângela Santos de Jesus Cavalcante dos Anjos

Janildes de Jesus da Silva
Audrey Ferreira Barbosa
Matheus Pires Quintela

DOI 10.22533/at.ed.31619160416

CAPÍTULO 17 157

AGRICULTURA AGROECOLÓGICA E BANCOS DE SEMENTES COMUNITÁRIOS
NA ÍNDIA

Ana Carla Albuquerque de Oliveira
Cleonice Alexandre Le Bourlegat

DOI 10.22533/at.ed.31619160417

CAPÍTULO 18 163

AÇÃO DO FUNGO ENTOMOPATOGÊNICO *Beauveria bassiana* CONTRA O CUPIM
ARBÓREO *Nasutitermes sp.*

Tatiana Reis dos Santos Bastos
Bruna Luiza Bedone Italiano
Raoni Andrade Pires
Catia dos Santos Libarino
Joyce Luz Domingues
Armínio Santos

DOI 10.22533/at.ed.31619160418

CAPÍTULO 19 168

USO DE DEFENSIVO ALTERNATIVO COMO ESTRATÉGIA PARA MINIMIZAR
DANOS PROVOCADOS POR VAQUINHAS (*Diabrotica spp.*)

Sergio Aparecido Seixas da Silva
Gusthavo Francino Mariano
Suellen Fernanda Mangueira Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.31619160419

CAPÍTULO 20 172

MYRTACEAE EM UMA FLORESTA TROPICAL MONTANA NEBULAR NA SERRA
DA MANTIQUEIRA, SUDESTE DO BRASIL

Ravi Fernandes Mariano
Carolina Njaime Mendes
Michel Biondi
Patrícia Vieira Pompeu
Aloysio Souza de Moura
Felipe Santana Machado
Rubens Manoel dos Santos
Marco Aurélio Leite Fontes

DOI 10.22533/at.ed.31619160420

CAPÍTULO 21 181

SISTEMAS AGROFLORESTAIS: AUMENTO E DIVERSIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO
DE ALIMENTOS COMO ESTRATÉGIA PARA RESTAURAÇÃO DE PAISAGENS NO
NOROESTE FLUMINENSE – RJ, BRASIL

Fernanda Tubenclak
Isabelle Soares Pepe
Eiser Luis da Costa Felipe
Ana Paula Pegorer Siqueira

DOI 10.22533/at.ed.31619160421

CAPÍTULO 22 190

SISTEMA AGROALIMENTAR AMAZONENSE: DESAFÍOS E POSSIBILIDADES

José Maurício Do Rego Feitoza

José Ofir Praia De Sousa

João Bosco André Gordiano

Ruby Vargas-Isla

DOI 10.22533/at.ed.31619160422

CAPÍTULO 23 199

O USO DE AGROTÓXICOS PELOS AGRICULTORES FAMILIARES EM
COMUNIDADES RURAIS DE PAÇO DO LUMIAR – MA

Reinaldo Vinicius Morais Pereira

Georgiana Eurides de Carvalho Marques

Ellen Cristine Nogueira Nojosa

Lanna Karinny Silva

DOI 10.22533/at.ed.31619160423

CAPÍTULO 24 204

O USO DE MAPAS MENTAIS COMO METODOLOGIA PARA O DESENVOLVIMENTO
DA TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA E DA AUTONOMIA ECONÔMICA DE
MULHERES RURAIS

Sany Spínola Aleixo

Alexandra Filipak

Ana Maria Baccarin Xisto Paes

DOI 10.22533/at.ed.31619160424

CAPÍTULO 25 217

OCORRÊNCIA DE INSETOS NOCIVOS, INIMIGOS NATURAIS E AVALIAÇÃO DO
NÍVEL DE DOENÇAS EM SISTEMA ROÇA SEM QUEIMAR DE PRODUÇÃO DE
CACAU

Miguel Alves Júnior

Pedro Celestino Filho

Sebastião Geraldo Augusto

DOI 10.22533/at.ed.31619160425

CAPÍTULO 26 224

GERMINAÇÃO DE *Mimosa bimucronatha* (DC.) KUNTZE EM FUNÇÃO DO
BENEFICIAMENTO DAS SEMENTES

Thaís Alves de Oliveira

Thainá Alves dos Santos

Felipe Ferreira da Silva

Vivian Palheta da Rocha

Hercides Marques de França Junior

Iamara da Silva Andrade

DOI 10.22533/at.ed.31619160426

CAPÍTULO 27	230
FERRAMENTAS PARTICIPATIVAS PARA O MELHORAMENTO GENÉTICO DE PLANTAS	
Maria Aldete Justiniano da Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.31619160427	
CAPÍTULO 28	248
EFEITO DE VARIAÇÕES TEMPORAIS E MICROCLIMÁTICAS DIÁRIAS SOBRE A RIQUEZA DE ESPÉCIES DE ZYGOPTERA (INSECTA: ODONATA) EM IGARAPÉS NO MUNICÍPIO DE SANTARÉM-PA	
Tainã Silva da Rocha	
Everton Cruz da Silva	
Juliano de Sousa Ló	
Lenize Batista Calvão	
Wildes Cley da Silva Diniz	
José Max Barbosa de Oliveira Junior	
DOI 10.22533/at.ed.31619160428	
CAPÍTULO 29	261
EFEITO DA CONTRAÇÃO LANTANÍDICA NA ATIVIDADE CATALÍTICA DAS PEROVSKITAS $A_{(1-x)}CA_xMNO_3$ (A = LA, PR, GD)	
Anderson Costa Marques	
Cássia Carla de Carvalho	
Alexandre de Sousa Campos	
Felipe Olobardi Freire	
Filipe Martel de Magalhães Borges	
Juan Alberto Chaves Ruiz	
DOI 10.22533/at.ed.31619160429	
CAPÍTULO 30	272
EXPERIMENTAÇÕES INICIAIS COM A AGROHOMEOPATIA EM SERRINHA, TERRITÓRIO DO SISAL, BAHIA	
Erasto Viana Silva Gama	
Carla Teresa dos Santos Marques	
Karolina Batista Souza	
Ralph Wendel Oliveira de Araújo	
Mirian Evangelista de Lima	
Moisés Lima dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.31619160430	
CAPÍTULO 31	284
EXPERIMENTAL VARIABLES IN THE SYNTHESIS OF TiO_2 NANOPARTICLES AND ITS CATALYTIC ACTIVITY	
Thalles Moura Fé Marques	
Juliana Sousa Gonçalves	
Valdemir dos Santos	
Francisco Xavier Nobre	
Bartolomeu Cruz Viana Neto	
José Milton Elias de Matos	
DOI 10.22533/at.ed.31619160431	
SOBRE O ORGANIZADORES	298

O USO DE MAPAS MENTAIS COMO METODOLOGIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA E DA AUTONOMIA ECONÔMICA DE MULHERES RURAIS

Sany Spínola Aleixo

Centro Universitário de Rio Preto – UNIRP
São José do Rio Preto, SP

Alexandra Filipak

Instituto Federal de São Paulo – IFSP
Matão, SP

Ana Maria Baccarin Xisto Paes

Núcleo de Estudos em Agroecologia e Economia Feminista, Instituto Federal de São Paulo – NEA/IFSP/CNPQ
Matão, SP

RESUMO: Esse trabalho propõe relatar a experiência realizada através do Núcleo de Estudos em Agroecologia e Economia Feminista (NEA/IFSP-Matão) com o grupo produtivo de mulheres do Assentamento Córrego Rico em Jaboticabal, SP, no que se refere ao apoio à transição agroecológica acompanhado do desenvolvimento da autonomia econômica das mulheres envolvidas. Dentre as atividades desenvolvidas, foram realizadas ações que permitissem o fortalecimento do grupo de mulheres, a capacitação em gênero e agroecologia. O destaque, nesse trabalho, é a construção dos mapas de percepção espacial que permitem identificar o lugar do trabalho produtivo, autônomo e agroecológico das mulheres, chamados na literatura de quintais produtivos, assim como demonstram

a divisão sexual do trabalho que ocorre na família, promovendo a reflexão acerca das desigualdades de gênero na agricultura de base familiar. Os mapas cumprem a função de metodologia para o trabalho extensionista com as mulheres, assim como de metodologia de pesquisa acerca da economia das mulheres. Na experiência desenvolvida foram apontadas algumas considerações: redefinição de quintais produtivos; relação entre as percepções das mulheres e as definições de economia feminista; construção da agroecologia a partir do desenvolvimento da autonomia das mulheres; relação entre trabalho produtivo e a reprodução da agrosociobiodiversidade.

PALAVRAS-CHAVE:

Cadernetas Agroecológicas; Economia Feminista; Percepção Espacial; Quintais Produtivos, Agroecologia.

ABSTRACT: This work proposes to report the experience of the Group of Studies in Agroecology and Feminist Economics (NEA/IFSP-Matão) with the productive group of women of the Córrego Rico Settlement in Jaboticabal, State of São Paulo, Brazil, regarding support for the agroecological transition accompanied by development of the economic autonomy of the women involved. Among the activities developed, actions were taken that allowed the strengthening of the women's group, training in

gender and agroecology. The emphasis in this work is the construction of maps of spatial perception that allow identifying the place of productive, autonomous and agroecological work of women, called in the literature of productive backyards, as well as demonstrating the sexual division of labor that occurs in the family, promoting reflection on gender inequalities in family-based agriculture. The maps fulfill the function of methodology for extension work with women, as well as research methodology about the economics of women. In the experience developed were pointed some considerations: redefinition of productive yards; relationship between women's perceptions and definitions of feminist economics; construction of agroecology through the development of women's autonomy; relation between productive work and the reproduction of social biodiversity. **KEYWORDS:** Agroecological Booklet; Feminist Economy; Spatial Perception; Productive Backyards, Agroecology.

INTRODUÇÃO

No meio rural a realização de trabalho produtivo na agricultura de base familiar pelas mulheres ainda é pouco visível e, pouco valorizado. Isso se deve, sobretudo, à concepção de que as atividades por elas desempenhadas são extensão do trabalho doméstico, restringindo-se às tarefas historicamente entendidas como de papel feminino. Entretanto, a produção familiar é, em grande medida, protagonizada pelas mulheres, uma vez que, com a mesma condição de acuidade, realizam tanto as tarefas agrícolas quanto as domésticas.

Além do mais, a atuação das mulheres nas áreas de criação de animais de pequeno e médio porte, cultivo de hortaliças, produção e beneficiamento de frutas, leite, pescado e artesanato, entre outras, geram trabalho e renda nas famílias assentadas e na agricultura familiar como um todo.

Na constituição e no manejo dos chamados quintais produtivos, a participação da mulher é mais significativa, quando comparada a dos demais membros da família (Rosa et al., 2007). Nesses quintais que se caracterizam por ser o lugar onde a mulher desenvolve suas atividades produtivas, o trabalho feminino se evidencia, geralmente, devido à proximidade com a casa e o fato dos produtos originados ali influenciarem, diretamente, na dieta alimentar da família, composta por frutas, hortaliças, condimentos, plantas medicinais, além de proteína de origem animal. Ainda neste aspecto, Siliprandi (2009) apontou como as mulheres estão intensamente sensibilizadas à transição agroecológica e à produção orgânica.

Na perspectiva da economia feminista, as mulheres têm produzido a partir de suas práticas, colocando o cuidado da vida como um objetivo a ser perseguido. Isso significa ressaltar a importância da valorização do trabalho das mulheres não apenas em termos monetários, mas pelo próprio sentido e contribuição deste para a produção da vida, que envolve a construção de relações, a promoção de saúde e cuidados e sobretudo a possibilidade da construção de um modelo de produção que viabiliza a conservação da biodiversidade. Mas, além do reconhecimento, ainda

é preciso avançar no sentido da redistribuição desse trabalho, seja no interior das famílias e comunidades, seja na sociedade por meio de políticas públicas do Estado, por exemplo.

Nesta acepção, as mulheres do campo vêm construindo diferentes formas de trabalho produtivo na perspectiva de superarem a desvalorização de seu trabalho econômico diante das construções de gênero padrões na sociedade que se intensificam no meio rural, chamadas de patriarcais, sendo identificados diversos coletivos e grupos produtivos de mulheres que trabalham conjuntamente e encontram umas nas outras possibilidades de gerarem uma autonomia maior (FILIPAK et al, 2018).

A organização das mulheres, suas experiências, práticas e propostas políticas apontam caminhos para mudanças nas bases concretas e nas visões orientadoras do atual modelo de desenvolvimento. Esses caminhos construídos pelas mulheres questionam a própria noção de desenvolvimento, afirmando a soberania sobre os territórios, a soberania alimentar e a agroecologia, a redistribuição dos trabalhos domésticos e de cuidados, bem como a redistribuição da riqueza, no sentido da construção de relações baseadas na igualdade, liberdade e autonomia, assim como na relação harmoniosa com a natureza.

Com base nas premissas apresentadas anteriormente, durante a implantação dos trabalhos do Núcleo de Estudos em Agroecologia e Economia Feminista NEA/IFSP com o grupo de mulheres assentadas do Assentamento Córrego Rico, município de Jaboticabal, SP, foram realizadas atividades para o desenvolvimento da autonomia econômica das mesmas. Assim, no desenvolvimento da proposta, foram realizadas algumas ações como curso de transformação de alimentos, rodas de conversa sobre agroecologia e produção orgânica e ações pedagógicas no intuito de se promover a visibilidade do trabalho da mulher.

Um dos instrumentos utilizados foi a Caderneta Agroecológica que se configura como um “instrumento político-pedagógico que busca dar visibilidade ao debate de gênero no meio rural, consolidando o debate feminista acerca das condições de precariedade e inferioridade que as mulheres camponesas se encontram” (LOPES NETO et al, 2016, p. 2). Essa experiência em torno das cadernetas agroecológicas foi desenvolvida por uma rede organizações dos campos agroecológico e feminista que teve como núcleo organizador dos trabalhos, o Centro de Tecnologias Alternativas (CTA), mantendo-se em diálogo coletivo com diferentes organizações sociais, políticas, feministas e instituições de pesquisa (Universidade Federal de Viçosa, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Institutos Federais, Núcleos de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica – CNPq, Articulação Nacional de Agroecologia, Sempre Viva Organização Feminista, e outras).

Esse trabalho pretendeu, portanto, relatar e analisar a metodologia de construção de mapas mentais, como ferramenta para demais ações facilitadoras para a transição agroecológica e a autonomia econômica de mulheres rurais. Especificamente, nesse caso, os mapas foram utilizados como instrumento norteador dos trabalhos realizados a

partir da dinâmica das cadernetas agroecológicas, com o grupo produtivo de mulheres do Assentamento Córrego Rico, em Jaboticabal, SP.

O TRABALHO PRODUTIVO DAS MULHERES RURAIS E SUA RELAÇÃO COM A AGROECOLOGIA

A inserção das mulheres no mercado de trabalho é analisada pelo IBGE, sendo um aspecto central na construção de sua autonomia. Em 2010, a taxa de atividade das mulheres era de 54,6% enquanto que a dos homens era de 75,7%. Essa taxa apresentou maior valor entre as mulheres urbanas 56% em se comparando com as rurais, 45,5%. Assim, segundo a referida instituição é possível asseverar que dentre as mulheres rurais em idade economicamente ativa, somente 45,5% se encontram em atividade econômica, segundo o IBGE (IBGE, 2010). Entretanto, existe uma clara “subnotificação das atividades realizadas pelas mulheres e uma representação de que a produção para o autoconsumo é a extensão do trabalho doméstico considerado não trabalho e as pessoas que o realizam são consideradas inativas” (SOF, 2015).

Do mesmo modo, em se tratando de rendimentos, a desigualdade econômica tem dimensão de gênero e apresenta dados que caracterizam aspectos da dependência econômica das mulheres rurais incluindo o não reconhecimento do trabalho no campo e do trabalho doméstico por elas desenvolvido, situação essa demarcada, sobretudo pela divisão sexual do trabalho. São 32,3% das mulheres rurais com 16 anos ou mais que não apresentaram nenhum rendimento, em 2010. Dentre as mulheres rurais, 50,5% das que auferem remuneração, recebem até 1 salário mínimo (IBGE, 2010).

Em virtude das situações mencionadas, é essencial ressaltar a importância do desenvolvimento da autonomia econômica das mulheres rurais diante do atual quadro das desigualdades. Analisar as atividades consideradas femininas implica também em reconhecer o trabalho e a qualificação das mulheres, que é naturalizada por ter sido apreendida em sua socialização de gênero. A metodologia que será apresentada adiante contribui sobremaneira para o autoconhecimento acerca do próprio trabalho, quanto subsidiou estudos que objetivaram mensurar os valores desse trabalho, no caso, as cadernetas agroecológicas.

Costumeiramente, as mulheres se reúnem para realizar atividades aprendidas na socialização de gênero feminina, como beneficiamento de alimentos como pães, geleias e conservas, costura e artesanato, e não raras as vezes, estas são as únicas atividades de capacitação colocadas à disposição das mesmas pelas mais diversas instituições de extensão rural. Entretanto, as mulheres agricultoras são profundas conhecedoras da seleção de sementes, domesticação de espécies, experimentos de combinação entre plantas que asseguram a qualidade da dieta familiar, a estabilidade do ecossistema e a biodiversidade.

Outrossim, é comum aos muitos grupos produtivos de mulheres que fazem produtos artesanais como doces, geleias, queijos e pães, terem sua consolidação

a partir do momento que umas começam a ensinar às outras e, apenas quando esse conhecimento coletivo chega ao limite é que elas procuram apoio externo, e, costumeiramente, demandam temas que se relacionam a atividades consideradas masculinas, como o planejamento da produção e comercialização, a manutenção de máquinas e equipamentos e especialmente, sistemas de produção mais autônomos, lacuna que pode ser preenchida com os conhecimentos em agroecologia.

Nos espaços das unidades familiares de produção as mulheres cultivam seus alimentos nos chamados quintais produtivos que referem-se ao espaço de produção da mulher, geralmente ao redor de casa e com saberes populares agroecológicos agregados (SALES, 2007). Os quintais produtivos são, portanto, experiências produtivas criadas socialmente pelas próprias mulheres do campo na busca por um espaço de trabalho produtivo que se mistura com os trabalhos de reprodução, doméstico e de cuidados que historicamente e socialmente são delegados a elas (FILIPAK, 2017, p. 201).

DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E ECONOMIA FEMINISTA NA AGRICULTURA FAMILIAR

A divisão sexual do trabalho produz desigualdades entre homens e mulheres que sustentam o sistema capitalista através do patriarcado enquanto dominação masculina dos espaços públicos e produtivos da sociedade. Em termos conceituais, Hirata e Kergoat (2007) caracterizam a mesma como uma forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, como um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.) em detrimento das atribuições designadas às mulheres.

No que se refere às mulheres rurais, a análise alvitrada pela economia feminista, sugere a decomposição de pressupostos teóricos clássicos e masculinizados e recompõe a crítica a partir de bases que possam reconhecer o trabalho das mulheres considerado invisível até então. Outrossim, sabe-se que um dos principais fatores que contribui para esta exclusão, é a falta de reconhecimento dos trabalhos realizados pelas mulheres rurais tanto nas atividades produtivas como nas reprodutivas, que as sobrecarregam diariamente, limitando suas participações em atividades no âmbito de esferas públicas, como nos espaços de poder de decisão, de desenvolvimento político, econômico e social.

Em uma pesquisa realizada em Cruzeiro do Sul, RS, verificou-se que, na divisão de trabalho que se estabelecia entre os sexos nas unidades familiares de produção, ao homem cabia geralmente a exclusividade de desenvolver serviços demandantes de maior força física, tais como lavrar, cortar, lenhar, fazer curvas de

nível, derrubar árvores e fazer cerca, mas, também, o uso de maquinário agrícola mais sofisticado, tal como o trator, que não necessariamente demandava a força física (Brumer e Freire, 1984). Ao homem não cabia os trabalhos denominados domésticos, independente de demandarem ou não, a força física, o que, hipoteticamente, pelo viés de uma análise empírica e vulgar, não oferecem retorno econômico.

À mulher, de um modo geral, compete executar tanto as atividades mais rotineiras, ligadas a casa, aos cuidados, como as de caráter mais leve que possuem caráter produtivo, mas não são reconhecidas como tais, por exemplo, além de todas as atividades domésticas, o trato dos animais de pequeno e médio porte, a exemplo, das aves, suínos, ovinos e caprinos, a ordenha das vacas, o cuidado do quintal, que inclui a horta, o pomar e o jardim. Todas estas atividades dadas como essenciais a consolidação um novo paradigma de desenvolvimento rural, em especial, aos pressupostos da agroecologia.

Desta feita, a noção de desenvolvimento rural, no recorte da agricultura familiar, deve estar associada com a possibilidade de consideração do trabalho economicamente reconhecido da mulher rural, com um especial incentivo ao trabalho na produção de alimentos orgânicos e agroecológicos, o que já é prática das mesmas em seus quintais (SOUZA et al, 2008).

A pretensão, portanto, de análise do trabalho da mulher rural, requer, entre outros pressupostos, uma reflexão crítica epistemológica e metodológica acerca da produção material, oriunda dos afazeres das mesmas e, para se considerar essa produção, necessariamente demanda-se o reconhecimento desses espaços produtivos, tanto pelas próprias trabalhadoras, quanto pela sociedade produtora de bens e serviços. O que de acordo com Enriquez (2010), ainda não ocorreu, tendo em vista o olhar androcêntrico incorporado em grande parte das teorias econômicas, com uma interpretação equivocada de mundo, não considerando parte da renda incorporada economicamente pelas mulheres.

DESCRIÇÃO DA CONSTRUÇÃO DA METODOLOGIA PARA A ELABORAÇÃO DOS MAPAS DE PERCEPÇÃO ESPACIAL INDIVIDUAL E COLETIVA PARA MULHERES TRABALHADORAS RURAIS

Conforme relatado anteriormente, a metodologia baseada no uso dos mapas de percepção espacial individual surgiu a partir da necessidade do reconhecimento pelas mulheres rurais, das áreas utilizadas para seu trabalho produtivo. Esta atuação, resulta em importante produção, especialmente de alimentos para todo o núcleo familiar e que, historicamente sempre foi invisibilizada.

Neste sentido, tornou-se imperioso discutir a definição do espaço e do trabalho da mulher para que se pudesse fazer o registro de sua produção agroecológica. Qual espaço que a mulher considera como território dela? O que essa mulher chama de quintal? Sua produção realmente é realizada somente nesse quintal? Neste sentido, a proposta de construção dos mapas proporcionou a análise e racionalização, tanto

por parte das agricultoras quanto, posteriormente, pelas pesquisadoras, dos espaços ocupados e tarefas realizadas sob a ótica dessas mulheres. Cabe ressaltar aqui que a presente proposição considera o viés agroecológico como instrumento para o protagonismo e autonomia feminina.

O presente método de trabalho propõe ainda uma análise a partir da espacialização e do reconhecimento pela mulher rural, de seus territórios em um artifício fenomenológico, cultural e topofílico, ou seja, propõe-se a construção de mapas a partir da percepção espacial através dos sentidos.

Conforme ressaltou Yi-Fu-Tuan (1980) em toda a cultura conhecida, homem e mulher recebem papéis diferentes (...) os experimentos com jogos livres mostram que quando uma menina desenha um meio ambiente, é comumente o do interior de uma casa” (...) e quando os papéis de cada sexo são definidos, homens e mulheres, adotam valores e percebem aspectos diferentes do meio ambiente. Dessa forma, a reflexão do autor auxilia a compreensão de como é possível o rompimento dos papéis sociais de gênero estabelecidos pela cultura e que geram as desigualdades, no caso, nas unidades familiares de produção.

Detalhadamente, o método para a execução das ações propostas, baseou-se em um conjunto de procedimentos gerais, que posteriormente foram adaptados à situação descrita. Esses procedimentos, com fins organizativos, foram divididos em cinco etapas distintas, o que não significa, que na prática, essencialmente, deve ocorrer da mesma forma.

A primeira etapa, no caso deste trabalho, consistiu no estudo teórico da percepção espacial, focado principalmente na obra “Topofilia – um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio-Ambiente” de Yi-Fu-Tuan.

Para o segundo momento, é planejada a realização de uma reunião junto ao grupo envolvido nas atividades, tratando da importância da construção dos mapas e os objetivos pretendidos com o presente trabalho.

Neste momento é considerada essencial a explicação de que a percepção espacial é a percepção dos espaços através dos sentidos, resultando nos lugares de afeição e desprezo, obviamente com linguagem apropriada ao grupo. Ressaltar a importância e o objetivo do trabalho através do mapeamento, facilita a realização das análises necessárias para a obtenção dos resultados, tanto para os trabalhos de extensão, quanto para a composição dos dados de pesquisa.

Da mesma forma, contribui para o debate junto aos grupos, no caso as mulheres rurais, do reconhecimento dos espaços mais familiarizados, como tais sujeitos percebem e estruturam o seu mundo, buscando, também neste caso, uma reflexão acerca de ampliadas possibilidades de maior autonomia produtiva e econômica em seus respectivos territórios.

A terceira ação a ser realizada constitui-se na própria ação empírica, ou seja, quando se dá a atividade de construção dos mapas. Esta prática se lança através de perguntas chaves, como: Como vocês imaginam o espaço de vocês? Quais são as

áreas de maior contato físico e familiaridade? No caso, o espaço individual em primeiro plano e posteriormente a comunidade.

Após o questionamento e idealização dos espaços os mapas são feitos em folhas flip-chart com lápis, canetas hidrocolor e outros materiais disponíveis.

Posteriormente, o que chamamos de quarta etapa, constituiu-se na análise e racionalização dos mapas individuais e coletivos, realizadas junto às mulheres rurais. Neste momento são construídas as informações referentes aos espaços e objetos mais familiarizados e os esquecidos por elas. Esta etapa ocorre no mesmo dia que a etapa anterior, com o intuito de não se perder detalhes e a materialização das reflexões realizadas em conjunto pelo grupo durante a construção dos mapas.

Por fim, a quinta e última etapa é a proposição e reflexão, onde o grupo dialoga sobre os mapas desenhados. No caso específico das mulheres rurais, essa é uma etapa pedagógica de síntese onde elas podem perceber e questionar porque alguns lugares são representados e outros não, quais são os valores atribuídos a estes locais e o que pode ser feito para ocuparem esses espaços. Temas como a divisão sexual do trabalho e as desigualdades de gênero são abordados nessa etapa.

Essa última etapa é realizada em uma segunda reunião, oferecendo um período para o debate, a reflexão individual e coletiva. Esse intervalo é importante também para os facilitadores da atividade, sejam extensionistas, sejam pesquisadores pois os mesmos devem olhar para os mapas, refletindo a realidade trabalhada. Para cada realidade um olhar.

CONSTRUÇÃO DE MAPAS MENTAIS PELAS MULHERES DO GRUPO PRODUTIVO DO ASSENTAMENTO CÓRREGO RICO

Aqui cabe retomar que a atividade descrita teve por objetivo delinear os espaços mais apropriados por um grupo de mulheres rurais em relação ao seu trabalho e sua autonomia, além de demonstrar como as mesmas percebiam e estruturavam o seu mundo do trabalho na Unidade Familiar de Produção, dando destaque para a construção social desses espaços e para a divisão sexual do trabalho.

Nesta ação prática, ficou clara a importância da percepção das mulheres sobre seus espaços e seu trabalho autônomo, evidenciando a consolidação da utilização dos mapas como uma ferramenta essencial para a mudança dos processos produtivos, dos agroecossistemas e conseqüentemente para a emancipação das mesmas e superação da divisão sexual do trabalho.

Os resultados apontaram ainda o trabalho da mulher como central para o desenvolvimento da agroecologia e da sua construção a partir da radicalidade feminista, ou seja, que há uma conexão entre a construção dos sistemas produtivos agroecológicos e o rompimento das desigualdades de gênero vividas pelas mulheres no campo.

Com efeito, mais uma vez, é importante notar que metodologia utilizada neste ensaio foi de caráter topofílico, ou seja, a proposta de construção dos mapas consolidou-

se a partir da percepção espacial das agricultoras através dos sentidos e partindo de tal pressuposto, o arranjo da atividade contou com momentos específicos.

Inicialmente foi realizada uma atividade de acolhimento com as mulheres para posteriormente dar-se início a uma explanação acerca da importância e objetivação da construção dos mapas. De modo lúdico, foi esclarecido que a percepção espacial é o reconhecimento dos espaços através dos sentidos e que resultaria na apresentação de lugares de afeição e de desprezo.

Analogamente, tratou-se da importância do mapeamento para que elas próprias pudessem reconhecer os espaços por elas ocupados e refletissem acerca da divisão espacial da unidade familiar, essencialmente o espaço ocupado por elas, levando à reflexão sobre a divisão sexual do trabalho e o autorreconhecimento de seu trabalho vinculado ao debate sobre a autonomia.

Em seguida, iniciou-se a construção dos mapas (Figura 1). Neste momento, o trabalho foi instigado por meio de perguntas chaves, como: Qual é a imagem que vocês têm de seus espaços? Quais são as áreas de maior contato físico e familiaridade? Qual trabalho que você considera como seu? Que trabalho você tem liberdade para desenvolver? Onde esse trabalho acontece?

E após esses questionamentos e idealizações acerca dos espaços de produção familiar, os mapas foram desenhados em folhas flip-chart com lápis coloridos, canetas hidrocor e outros materiais disponíveis.



Figura 1: Confecção dos mapas mentais.

Cada agricultora desenhou sua unidade familiar de produção a partir da escolha dos locais de maior representatividade afetiva e produtiva para elas. Também foram desenhados alguns outros espaços de trabalho onde os maridos atuam.

Logo após o andamento da construção dos mapas, iniciou-se o debate acerca das informações que surgiam, esse diálogo partia do individual para o coletivo, uma vez que o que era observado em um mapa, ao ser comentado, era dividido não intencionalmente com as demais participantes, que acabavam por ouvir as observações, bem como produzir suas próprias observações, tanto no âmbito do mapa da outra agricultora, quanto no mapa próprio. Assim, as informações referentes aos espaços e objetos mais familiarizados e os esquecidos por elas iam se consolidando em um nível importante de detalhes oportunizando reflexões individuais e coletivas.

Por fim, em um novo momento, ou seja, em um segundo encontro, buscou-se através dos mapas conjecturar acerca de como aquele grupo percebiam seus espaços, questionando porque determinados lugares foram intensamente representados e outros não, quais seriam as percepções e os estímulos atribuídos a determinados espaços e porque outros foram esquecidos. Em vista de tais elementos, qual o valor do trabalho realizado nos diversos espaços.

Paralelamente ao reconhecimento das agricultoras de seus espaços produtivos, a partir da análise dos mapas construídos (Figura 2) e dos relatos das agricultoras, foi possível averiguar ainda, que, apesar de as mesmas possuírem pleno conhecimento da totalidade das unidades produtivas, na maioria das vezes, no momento de construção dos mapas, a área total não foi apresentada. Os espaços ressaltados, ou seja, os lugares de afeição constituam-se em espaços que puderam ser caracterizados como aqueles de manejo agroecológico, com alta diversidade produtiva, já as áreas de desprezo (representadas ou não) caracterizavam os espaços de monocultivos, onde a presença masculina também era predominante e, tratados por elas, como de baixa rentabilidade.



Figura 2: Mapa Mental produzido durante a atividade.

Apartir da produção dos mapas foi possível identificar alguns aspectos importantes na discussão da economia das mulheres e acerca da delimitação do que denomina-se quintais produtivos.

Ficou demarcada, a partir da aplicação da presente metodologia a ideia de pertencimento, ou seja, as mulheres desenharam seus quintais enquanto lugares e trabalhos que elas realmente entendiam como sendo pertencente a elas. Esses quintais muitas vezes estavam ao redor da casa, mas, da mesma forma repetidamente, foram desenhados espaços para além do redor do local de moradia.

A concepção do “redor da casa” que está associado ao trabalho, foi a definição inicial de Quintal, discussões acerca desse conceito foram encerradas pelas próprias agricultoras, havendo uma variedade de situações ao analisamos o que as mulheres, no caso relatado, perceberam como seu espaço de trabalho de pertencimento e autonomia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os mapas nos demonstraram seu potencial metodológico e pedagógico no desenvolvimento da autonomia econômica de mulheres rurais e seu potencial no desenvolvimento da agroecologia.

Algumas reflexões foram centrais a partir desse trabalho. A primeira delas foi a de que não é possível se construir a agroecologia com cisões de gênero tão acentuadas no mundo rural. E que a construção da agroecologia passa necessariamente pela construção de possibilidades de igualdade entre homens e mulheres nas relações pessoais e sobretudo nas produtivas.

Outra reflexão importante foi a de que o conceito de quintais produtivos como lugares específicos dos trabalhos das mulheres rurais se mostra para além do redor de casa. As mulheres têm tomado a frente de trabalhos produtivos que se encontram ou se sobrepõem aos espaços historicamente destinados aos homens. Assim os mapas mostraram que é necessário se pensar em diferentes categorias de quintais que possam incluir toda a diversidade produtiva das mulheres rurais. Quintais com dinâmicas de hortas, com dinâmicas de frutas, de remédios, de pequenos animais, de plantas ornamentais, de plantios maiores sem diversidade (por exemplo: goiabas, mandioca que representam plantio para comercialização nos programas de compras institucionais) foram identificados nos mapas de percepção, apesar das mulheres também reconhecerem como seu quintal espaços ao redor da casa.

Consolidou-se, entretanto, a premissa de que, mesmo em espaços diferenciados, o que predomina é a baixa visibilidade e quase nenhuma valorização do trabalho produtivo realizado pelas mulheres, mesmo sua atuação se dando em áreas como a criações de animais de pequeno e médio porte, produção de hortaliças, produção e beneficiamento de frutas, leite, pescado e artesanato, etc., na maioria das vezes

promovendo a autossustentação das famílias e mesmo, em alguns casos gerando renda monetária.

A metodologia empregada possibilitou também o reconhecimento dos espaços de trabalho pelas agricultoras, bem como a importância na dessas atividades para a constituição da renda familiar, tanto monetária, quanto não monetária.

Ficou evidenciado nos mapas construídos que o espaço produtivo é realmente o espaço da autonomia dessas agricultoras, onde o seu trabalho conecta-se imediatamente com a reprodução da agrosociobiodiversidade, com a soberania e com a segurança alimentar.

A análise conjunta dos mapas mentais revelou que o cerne do trabalho das mulheres, associado às práticas agroecológicas é a visibilidade da contribuição das mesmas nos processos produtivos e por consequência econômicos.

Através da representação de trabalho realizada pelas agricultoras, foi possível ampliar a visão de espaço para se caracterizar seus respectivos *lócus* de produção, sendo possível, mesmo saindo do “redor da casa”, referenciar o protagonismo das mesmas nas atividades econômicas. E a metodologia permitiu que elas se autorreconhecessem nesse processo, promovendo as reflexões a partir de suas próprias percepções.

Por fim, foi possível concluir que os mapas auxiliaram na percepção dos espaços e dos trabalhos produtivos das mulheres rurais, sendo esta uma ferramenta importante para a consolidação de ecossistemas agroecológicos e consequentemente para a autonomia da mulher e superação da divisão sexual do trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento e ao Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Campus Matão pelo apoio para a implementação do Núcleo de Estudos em Agroecologia e Economia Feminista (NEA). Ao GT de Mulheres da Ana – Articulação Nacional de Agroecologia e a Centro de Tecnologias Alternativas – CTA pela discussão coletiva em torno da pesquisa com mulheres rurais e pelas parcerias estabelecidas.

REFERÊNCIAS

BRUMER, Anita e FREIRE, Nádya Maria Schuch. O trabalho da mulher na pequena produção agrícola. **Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, ano XI/XI, p. 305-322, 1983/1984.

ENRIQUEZ, Corina Rodríguez. Analisis Economico para la Equidad: los aportes de la Economía Feminista. **SaberEs**. Nº 2 (2010). 3-22. Sección Autora Invitada.

FILIPAK, Alexandra. **Políticas Públicas para Mulheres Rurais no Brasil (2003-2015): análise a partir da percepção de mulheres rurais e de movimentos sociais mistos**. 2017. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual Paulista, Marília, 2017.

FILIPAK, Alexandra; ALEIXO, Sany Spínola; PAES, Ana Maria Baccarin Xisto; RIZZATTO, Marcia Luzia. **Mapeamento de Grupos Produtivos de Mulheres Rurais na Região Sudeste do Brasil: histórias da construção de uma Economia Feminista Referências bibliográficas.** Anais Congresso ALASRU. Montevideo, Uruguai, 2018.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set.- dez., 2007.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

LOPES NETO, Antônio Augusto et al. Caderneta Agroecológica e Feminismo: o que os quintais produtivos da Zona da Mata têm a nos dizer. **Cadernos de Agroecologia**, [S.l.], v. 10, n. 3, maio 2016.

ROSA, Leonilde dos Santos et al. Os quintais agroflorestais em áreas de agricultores familiares no município de Bragança-PA: composição florística, uso de espécies e divisão de trabalho familiar. **Rev. Bras. de Agroecologia**. v. 2, n.2, out., 2007.

SALES, Celecina de Maria Veras. Mulheres Rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 15(2): 240, maio-agosto. 2007.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e Agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar.** 2009. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável), Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

SOUZA, Marcelino de.; STADUTO, Jefferson Andronio Ramundo.; NASCIMENTO, Carlos Alves do.; WADI, Yonissa Marmitt.; TONDO, Isabel de Souza Pereira. **Desenvolvimento rural e gênero: as ocupações e rendas das mulheres das famílias agrícolas e rurais sul-rio-grandenses.** Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu, MG: 2008.

SOF – Sempre Viva Organização Feminista. Estatísticas de Gênero do IBGE mostra dados relevantes sobre a autonomia econômica das mulheres, 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.

SOBRE O ORGANIZADORES

TAYRONNE DE ALMEIDA RODRIGUES: Filósofo e Pedagogo, especialista em Docência do Ensino Superior e Graduando em Arquitetura e Urbanismo, pela Faculdade de Juazeiro do Norte-FJN, desenvolve pesquisas na área das ciências ambientais, com ênfase na ética e educação ambiental. É defensor do desenvolvimento sustentável, com relevantes conhecimentos no processo de ensino-aprendizagem. Membro efetivo do GRUNEC - Grupo de Valorização Negra do Cariri. E-mail: tayronnealmeid@gmail.com com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9378-1456>

JOÃO LEANDRO NETO: Filósofo, especialista em Docência do Ensino Superior e Gestão Escolar, membro efetivo do GRUNEC. Publica trabalhos em eventos científicos com temas relacionados a pesquisa na construção de uma educação valorizada e coletiva. Dedicar-se a pesquisar sobre métodos e comodidades de relação investigativa entre a educação e o processo do aluno investigador na Filosofia, trazendo discussões neste campo. Também é pesquisador da arte italiana, com ligação na Scuola de Lingua e Cultura – Itália. Amante da poesia nordestina com direcionamento as condições históricas do resgate e do fortalecimento da cultura do Cariri. E-mail: joaoleandro@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1738-1164>

DENNYURA OLIVEIRA GALVÃO: Possui graduação em Nutrição pela Universidade Federal da Paraíba, mestrado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e doutorado em Ciências Biológicas (Bioquímica Toxicológica) pela Universidade Federal de Santa Maria (2016). Atualmente é professora titular da Universidade Regional do Cariri. E-mail: dennyura@bol.com.br LATTES: <http://lattes.cnpq.br/4808691086584861>

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-331-6



9 788572 473316